

Comunicação Científica

CONTROLE INTERNO VERSUS PÚBLICO: REVISITANDO A TEORIA ORGANIZACIONAL NO JORNALISMO PÓS-INDUSTRIAL

Guilherme Carvalho¹

RESUMO

Em nosso estudo, resultante de uma pesquisa nacional que procurou identificar por meio de uma pesquisa de opinião aspectos relacionados à liberdade jornalística, verificamos que os jornalistas identificam um alto controle sobre o trabalho jornalístico que parte, do ambiente interno que não são identificados pela figura abstrata do público. O artigo que apresentamos pretende ser uma contribuição a este debate. Nos associamos aos estudos que relativizam o papel desempenhado pelo público no trabalho jornalístico, entendendo que os mecanismos de controle não foram substituídos. Desse modo, fundamentamos nosso trabalho nos estudos científicos do jornalismo que constituem a chamada teoria organizacional.

PALAVRAS-CHAVE

Controle editorial. Teoria organizacional. Jornalismo.

APRESENTAÇÃO

Uma das novidades apontadas como imperativo do jornalismo pós-industrial é o aprofundamento da tendência à participação do público em diferentes etapas do processo de produção da notícia. O público seria, agora mais do que nunca, determinante na etapa de seleção dos fatos, no seu papel vigilante sobre o jornalismo, uma vez que passa também a ter acesso a outros conteúdos, ao mesmo tempo em que se torna também “produtor” de conteúdo.

Nesse sentido, perdem força os *gatekeepers* no processo de filtragem dos conteúdos a serem noticiados, dando lugar ao público, favorecido pela sua imposição numérica, revelada de forma precisa pelos algoritmos e métricas disponíveis em ambiente digital, utilizados pelos departamentos comerciais para venda publicitária. O público também seria capaz de determinar a ordem de relevância das notícias em sua disposição em sites. Uma evidência desses

¹ Doutor em Sociologia, professor de Jornalismo do Centro Universitário Internacional (Uninter) e professor colaborador do Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Guilherme.ca@uninter.com.

novos tempos nas redações, se expressa no ambiente de trabalho por meio de telas que apresentam números da audiência dos sites em tempo real tornando indispensável o conteúdo caça-cliques.

Os critérios de noticiabilidade, passam, então a ter mais presente o papel do público como audiência², o que, para muitos, representa uma redefinição da rotina produtiva a ponto de significar um processo de “popularização” do jornalismo, tornando-o mais próximo dos interesses do público e, portanto, mais democrático, mais verídico e mais ético.

Se isso é verdade, as redações jornalísticas estariam menos suscetíveis aos interesses de grupos políticos e econômicos, incluindo também os proprietários dos meios de comunicação. Em outras palavras, o controle sobre o trabalho jornalístico estaria menos condicionado pelas regras internas que constituem o que se entende como linha editorial, associada a aspectos ideológicos, de modo que os jornalistas estariam mais suscetíveis às variações da opinião pública, tornando as linhas editoriais mais fluídas.

Em nosso estudo, resultante de uma coleta nacional que procurou identificar por meio de uma pesquisa de opinião aspectos relacionados à liberdade jornalística, verificamos que os jornalistas identificam um alto controle sobre o trabalho jornalístico que parte, do ambiente interno que não são identificados pela figura abstrata do público.

O artigo que apresentamos pretende ser uma contribuição a este debate. Nos associamos aos estudos que relativizam o papel desempenhado pelo público no trabalho jornalístico, entendendo que os mecanismos de controle não foram substituídos. Desse modo, fundamentamos nosso trabalho nos estudos científicos do jornalismo que constituem a chamada teoria organizacional.

FUNDAMENTOS DA TEORIA ORGANIZACIONAL

Em um artigo intitulado “Jornalismo: toda notícia que couber a gente publica”, Robert Darnton disse que o jornalista escreve para o seu “grupo de

Comentado [HA1]: Embora também haja, sem dúvidas, um tipo de pressão distinto – fluido, abstrato, dissipado, mas com grande força – exercido pelo público.

² Uma distinção importante, nesse sentido, é quanto a ideia de participação e/ou colaboração do público sobre o jornalismo.

referência, que são os próprios jornalistas. Ou seja, jornalista escreve para jornalista, em outras palavras, “pois os repórteres são os leitores mais vorazes, e precisam conquistar seu status diariamente, ao se exporem a seus colegas de profissão” (2010, p. 78).

A percepção de Darnton sobre o trabalho jornalístico encontra eco em vários outros trabalhos de jornalistas e pesquisadores que definem o jornalismo a partir de aspectos relacionados à lógica de gestão do corpo de profissionais que atuam em uma redação, tornando o público um elemento secundário a respeito do controle editorial. São consideradas nestas análises as relações que se estabelecem entre grupos internos, mas que estão determinados por mecanismos de gestão que são absorvidos pelos que trabalham em determinada organização, de modo que estas características se tornam parte do que se entende como cultura organizacional.

O primeiro a reunir teoricamente estas características, observando-as como determinantes para o trabalho jornalístico, foi Warren Breed³, em um artigo publicado na revista científica *Social Forces*, em 1955. O título do trabalho “*Social control in the newsroom: a functional analysis*” (Controle social na redação: uma análise funcional) expressa sinteticamente o que Breed havia identificado naquele período em seus estudos.

Inicia ele da seguinte maneira (1955, p. 327): “*Top leaders in formal organizations are makers of policy, but they must also secure and maintain conformity to that policy at lower levels*” (Chefes em organizações formais são produtores de políticas, mas eles também asseguram e mantêm a conformidade com esta política). Ou seja, tão importante quanto definir as regras internas para uma determinada organização, é fundamental garantir que os funcionários respeitem as regras.

A teoria organizacional inspira-se nas pesquisas que se desenvolveram no jornalismo nos anos 1950, que passaram a observar aspectos da realização do trabalho. A teoria do *Gatekeeping*, proposta por David Manning White,

Comentado [HA2]: Muito bacana. Quando se pensa numa lógica pós-industrial, significa que, além de elementos concernentes à teoria organizacional, há também uma quebra de paradigmas que envolvem a cultura profissional dos jornalistas.

³ Estadunidense formado em jornalismo e sociologia. Foi professor de sociologia da Universidade de Tulane, em New Orleans, Los Angeles. Foi orientado pelos teóricos funcionalistas Robert K. Merton e Paul F. Lazarsfeld.

procurava compreender as etapas do processo de seleção das notícias no interior da redação. Warren Breed partiu das relações internas de trabalho nas redações jornalísticas a partir de um olhar sociológico de corrente crítica sobre o controle da produção da notícia. Uma terceira percepção também foi base nos trabalhos de Breed. Sua análise considerava a aplicação de processos de gestão desenvolvidos no campo da Administração. A teoria organizacional, portanto, é resultado da junção de três campos de conhecimento: Jornalismo, Administração e Sociologia. Por esse motivo, leva-se em conta os aspectos coletivos do trabalho, considerando o papel predominante da organização sobre as escolhas individuais do jornalista.

Uma vez que a autonomia passa a ser relativizada por processos de controle de produção organizacional, outras questões passam a fazer parte das decisões sobre quais temas, fontes, imagens ou palavras serão escolhidas, que não apenas o interesse público. Ou seja, os teóricos que se debruçaram sobre esta temática verificaram que o produto jornalístico é resultante de fatores externos ao próprio fato que dá origem à notícia, e aí há uma implicação ética que coloca em questão a credibilidade do trabalho destes profissionais.

Por este motivo, no Jornalismo, a percepção sobre as políticas de gestão é verificada a partir de uma lente mais crítica, tendo em vista que não afetam apenas as rotinas produtivas, mas a própria notícia.

De acordo com Breed (1955), as políticas de controle nas redações provocam a conformidade nos jornalistas, tornando-os mais suscetíveis a aceitar certas imposições. Estas, por sua vez, podem estar ligadas a interesses particulares relacionados a fatores políticos ou econômicos que se impõem sobre o jornalismo. Duas categorias principais devem ser consideradas nesta relação, segundo Breed. De um lado estão o que ele chama de “*executives*” (proprietários dos veículos e editores), os que detêm cargos de chefia, nesse caso, e, de outro, os “*staffers*” (repórteres), os que estão subordinados hierarquicamente a alguma chefia e, por seu turno, não detêm cargo de comando. Breed considera ainda a existência de um terceiro grupo

intermediário que estaria entre ambos, composto por editores assistentes ou equivalentes e que estariam no meio da pirâmide.

Para garantir que as normas sejam respeitadas ou fazer com que os *staffer* aprendam a política da empresa, a organização precisa lançar mão de recursos que busquem “enquadrar” o jornalista. O recurso mais extremo utilizado, nesse sentido, são as reprimendas ou sanções que, ao serem aplicadas a um jornalista, não apenas têm o poder de enquadrá-lo, mas também de servir de exemplo para os demais, provocando um efeito com consequências sobre a coletividade.

Outro que analisa os mecanismos de controle nas redações a partir de sua própria experiência como jornalista no *The New York Times* foi Robert Darnton, que trabalhou no jornal durante os anos 1960 e 1970. Segundo ele, a hierarquização das relações de poder a partir das quais se verificam grupos que “ordenam” e grupos de “ordenados” é composto por uma rede complexa de relações que podem ser verificadas também na própria distribuição física do espaço, o qual sinaliza o grau de prestígio que o jornalista detém perante os demais.

O editor-chefe exerce seu comando num escritório, e os editores assistentes dirigem grupos de ‘editorias’ [...] numa extremidade da sala, que se destaca pela disposição diferente dos móveis e fica encerrada atrás de uma divisória de pequena altura. Eles se distribuem em quatro setores. Primeiro, algumas filas de grandes jornalistas liderados por sumidades [...]. A seguir, três filas de redatores e preparadores de texto, que se sentam ao lado das sumidades na frente da sala, de modo que podem ficar perto dos postos de comando na hora do fechamento. Em seguida, uma sequência de veteranos de meia-idade, que fizeram nome e são de confiança para qualquer reportagem. Por fim, um bando de jovens redatores em início de carreiras, no fundo da sala, os mais jovens ocupando os lugares mais afastados (DARNTON, 2010, p. 78-79).

Um dos mecanismos de premiação presentes no cotidiano do jornal é a destinação de boas pautas. Nesses casos, é mais provável que o jornalista que costuma receber as melhores pautas consiga ganhar maior destaque no jornal, o que também o torna um candidato mais forte para assumir cargos mais elevados. Obviamente que estes jogos, que incluem elementos mais complexos de premiação do que simplesmente as questões financeiras, são bastante sutis e

**IV Encontro
Sul-brasileiro
de Professores
de Jornalismo**

**26 a 27
de outubro**

Campus Juvevê - UFPR - Curitiba
Envio de trabalhos até 11 de setembro de 2017



são utilizados como mecanismos de controle na redação. Darnton (2010) entende este processo como parte da estratégia para reforçar os comportamentos que são interpretados positivamente ou negativamente pelos cargos mais elevados. Assim, o processo de adaptação do jornalista aos valores da redação se dá por meio de mecanismos implícitos no cotidiano de trabalho.

Mas há também os mecanismos explícitos que aparecem por meio de elogios públicos, os quais ganham maior relevância quanto maior o grau na hierarquia da redação que ocupa a pessoa que proferiu o elogio. Também as premiações em dinheiro ou as promoções são um reforço ao tipo de comportamento que se espera no ambiente de trabalho.

A “resistência” ou “ideologia antidireção” surge por meio de conversas de corredor, banheiro ou cafezinho, com gozações e brincadeiras contra os chefes. Formam-se também subgrupos de jornalistas na redação que podem se organizar por idade, estilo de vida, tempo de trabalho ou formação cultural. Nesse sentido, Darnton (2010) acrescenta fatores importantes à teoria desenvolvida por Breed, quando observa a constituição de um outro grupo de referência que se constitui paralelamente ao grupo principal, já que o subgrupo também passa a ser uma referência para o jornalista. A diferença é que o subgrupo, pelas relações de confiança construídas, está menos submetido aos interesses da empresa. Geralmente, é o subgrupo a quem o jornalista recorre quando quer uma opinião sobre os problemas internos da redação que enfrenta no cotidiano, como no caso de conflito com algum editor.

O grupo secundário pode também contribuir para que o jornalista oriente seu olhar para determinados assuntos ou na elaboração da pauta, a partir do compartilhamento de fontes de informação, por exemplo. Para o jornalista, o resultado do seu trabalho ganha tanto valor quanto maior for o reconhecimento do seu grupo, afinal, são também estes colegas que poderão ser pontes de contato para novos empregos futuramente.

Mesmo nos casos de resistência às tentativas de controle da redação, Darnton não considera o papel do público como aliado neste processo.

26 a 27
de outubro

Campus Juvevê - UFPR - Curitiba
Envio de trabalhos até 11 de setembro de 2017



realização:



Para Bourdieu, os mecanismos de controle editorial não são mais aqueles em que as relações de poder se explicitam pela imposição de ideias por meio de ordenações diretas ou ameaças de demissão. Em boa parte, este poder não precisa ser explicitado, pois está estabelecido estruturalmente, quando uns têm muito mais poder de sanção do que outros, de modo que as condições das relações entre jornalistas e donos dos meios de comunicação, representados no interior das redações pelos cargos mais elevados, já estão implícitas. É o que permite compreender que

(...) todos os que têm o privilégio de investir no jogo (...) aceitam o contrato tácito que está implicado no facto de participar no jogo, de o reconhecer deste modo como valendo a pena ser jogado, e que os une a todos os outros participantes por uma espécie de conluio originário (BOURDIEU, 2004, p. 173).

O jornalista, portanto, ao reivindicar para si o direito de representar o interesse público, constrói uma relação de poder sobre o domínio de informações e técnicas que determinam um modo de fazer, conforme delimitado pelo campo de conhecimento, mas se trata, conforme Bourdieu (2004), de um poder simbólico, uma vez que se exerce em condições estruturantes que determinam uma razão privada.

Em um estudo anterior sobre os meios de comunicação, mais especificamente “sobre a televisão”, Bourdieu (1997) já apontava criticamente a existência de uma “censura invisível” nas redações e que se constitui como violência simbólica: “se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e, também com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la” (BOURDIEU, 1997, p. 22).

A censura no jornalismo ocorre entre os próprios colegas. Novos jornalistas acabam sendo censurados pelos mais antigos. Bourdieu lista alguns dos fatores estruturais que provocam uma “autocensura”. Dentre eles a “mentalidade-índice-de-audiência”, uma produção voltada exclusivamente para o sucesso comercial. O “mercado é reconhecido como instância legítima de legitimação” (BOURDIEU, 1997, p.37). Também a “pressão da urgência”, que

26 a 27
de outubro

Campus Juvevê - UFPR - Curitiba
Envio de trabalhos até 11 de setembro de 2017



realização:



surge pela concorrência pelo furo⁴. “Essa espécie de pressão cruzada que os jornalistas exercem uns sobre os outros é geradora de toda uma série de consequências que se retraduzem por escolhas, por ausências e presenças” (BOURDIEU, 1997, p.39). Outro fator é a valorização de “*fast-thinkers*”, ou jornalistas habituados a pensar em velocidade. Falam, portanto, por ideias comuns, senso comum. Recorrem a certas fontes, os “*habitué* da mídia”, constroem narrativas pré-estabelecidas, baseados em outros fatos parecidos, enfim, direcionam seus olhares para acontecimentos com alto poder de audiência, aliando volume de produção.

A rotina de produção do jornalismo como se conhece, ou seja, pela maneira como está estruturada ou sobre como foi desenvolvida ao longo dos anos a partir de certos mecanismos de controle sobre o trabalho, reforçam aspectos sutis do exercício de poder que não são perceptíveis, muitas vezes, ou que dão aspecto simbólico para valores sociais e também profissionais de liberdade e autonomia jornalística, com fins a garantia de uma atividade capaz de atender exclusivamente aos interesses públicos.

Os fatores listados por Bourdieu demonstram de que maneira os mecanismos de censura são exercidos internamente nas redações, sem que haja a necessidade de explicitar ordens ou ameaças. Mesmo estes mecanismos internos podem ser aplicados sem que o próprio jornalista tenha consciência da violência que se exerce. Nesse sentido, é válido observar que qualquer pesquisa a respeito da censura e que exija uma análise de autopercepção da realidade, precisa compreender aspectos de censura que se exercem de modo mais evidente nas relações de trabalho das redações.

EVIDÊNCIAS DA FORÇA DO CONTROLE INTERNO

Apresentamos os resultados de uma pesquisa que aponta como se dão os processos de controle nas redações. A pesquisa sobre Liberdade Jornalística

⁴ Jargão jornalístico para notícias publicadas em um veículo com informações novas que ainda não foram publicadas por outros e que provocam grande impacto entre os leitores, aumentando a audiência do veículo. Está relacionada a uma lógica de sucesso comercial, uma vez que reforça a sensação de que o veículo é capaz de divulgar notícias antes de qualquer outro.

IV Encontro
Sul-brasileiro
de Professores
de Jornalismo

26 a 27
de outubro

Campus Juvevê - UFPR - Curitiba
Envio de trabalhos até 11 de setembro de 2017



realização:



(MESSAGI; CARVALHO; BOZZA, 2017), desenvolvida por pesquisadores do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná, em conjunto com outras instituições, traça um cenário atual da percepção do jornalista sobre sua autonomia profissional, verificando aspectos do controle editorial nas redações.

O estudo inspira-se no Perfil do Jornalista Brasileiro (MICK; LIMA, 2013), segundo o qual a população de jornalistas brasileiros é de 145 mil profissionais. A coleta de dados da pesquisa de Liberdade foi feita com *survey on line*, com apoio da Federação Nacional dos Jornalistas e dos sindicatos dos jornalistas nos estados para divulgar a pesquisa. As redes sociais foram utilizadas para atingir jornalistas no Brasil todo, com criação de uma *fanpage* gerida e alimentada por bolsistas da UFPR.

O questionário incluiu 42 questões e procurava mapear formas de restrição, mais explícitas e diretas de controle. O formulário parte da hipótese de que os controles, muitas vezes, assumem uma feição mais sutil, organizacional, exercida pela ascensão profissional na empresa. Seriam os profissionais coibidos pelas sanções identificadas pela teoria organizacional, conforme observou Breed?

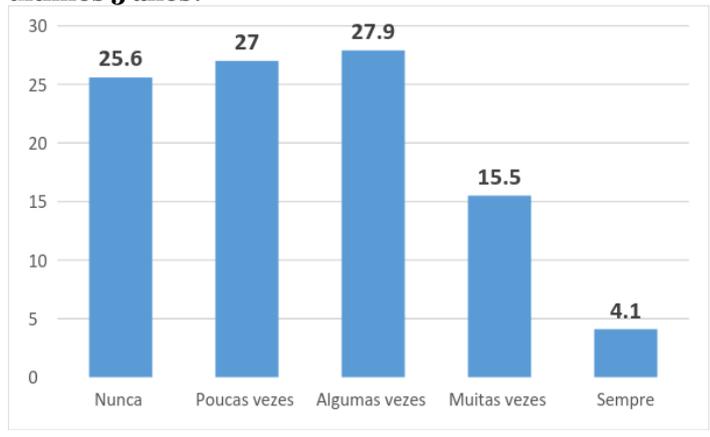
O questionário foi aplicado em todos os estados brasileiros, considerando a proporção de jornalistas em cada estado, e contou com mais de 2 mil respostas de jornalistas de diferentes redações do país, durante os meses de setembro de 2015 a março de 2017. Selecionamos aqui as questões que dizem respeito aos itens que se aproximam mais das questões apontadas por Breed (1955). Os gráficos expressam valores em porcentagem, considerando apenas as respostas válidas.

26 a 27
de outubro

Campus Juvevê - UFPR - Curitiba
Envio de trabalhos até 11 de setembro de 2017



Gráfico 1 - Você já deixou de escrever, pautar ou publicar um assunto por entender que o conteúdo da reportagem contrariava a orientação política ou prejudicava os interesses da empresa, nos últimos 5 anos?

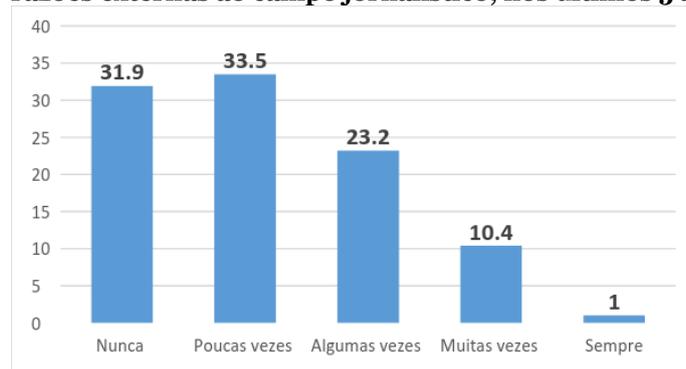


Fonte: MESSAGI; CARVALHO; BOZZA (2017)

Do total de respostas válidas, 74,5% dos jornalistas responderam que já deixaram de escrever, pautar ou publicar um conteúdo, por entender que eram assuntos que poderiam contrariar os interesses da empresa. Nesse caso, podemos considerar tanto aspectos econômicos, como a publicação de notícias que afetam a reputação de uma empresa anunciante, por exemplo, como também os aspectos político-partidários de grupos aos quais o veículo mantém relações, por exemplo. Os fatores externos aqui são considerados indiretamente, já que a materialização do controle se exerce pelos cargos mais elevados da redação.

O gráfico 2 reforça, em certa medida, esta percepção, já que a maioria dos jornalistas também aponta a censura, isto é o impedimento da publicação integral ou parcial de conteúdo jornalístico ou uma alteração que tenha ocorrido sem o consentimento do jornalista.

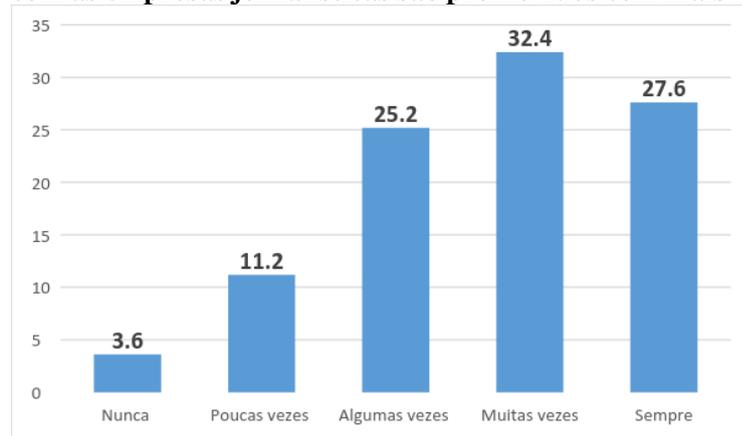
Gráfico 2 - Você já teve algum material seu censurado ou editado por razões externas ao campo jornalístico, nos últimos 5 anos?



Fonte: MESSAGI; CARVALHO; BOZZA (2017)

As razões externas ao campo jornalístico poderiam considerar também os aspectos de audiência, o que apontaria o papel predeterminante do público sobre o jornalismo. A afirmação, no entanto, perde força quando observamos os gráficos a seguir.

Gráfico 3 - Você acredita que jornalistas alinhados ideologicamente com as empresas jornalísticas são promovidos com mais frequência?



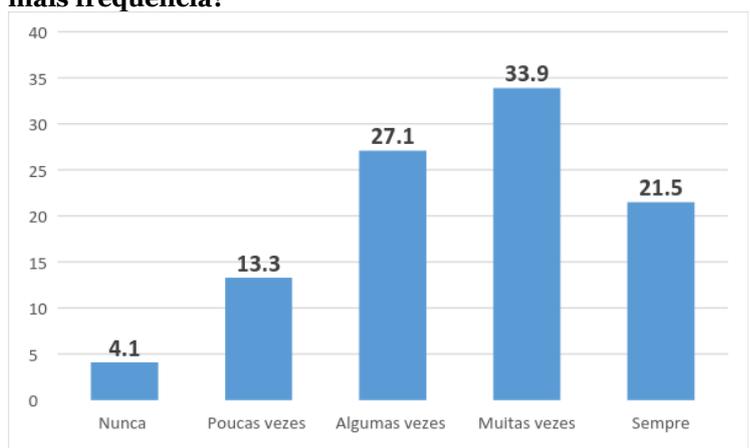
Fonte: MESSAGI; CARVALHO; BOZZA (2017)

26 a 27
de outubro

Campus Juvevê - UFPR - Curitiba
Envio de trabalhos até 11 de setembro de 2017



Gráfico 4 - Você acredita que jornalistas não-alinhados ideologicamente com as empresas jornalísticas são demitidos com mais frequência?



Fonte: MESSAGI; CARVALHO; BOZZA (2017)

Em ambos os casos é consideravelmente alta a quantidade de jornalistas que identificam um controle ideológico sobre o trabalho jornalístico, o que, na maioria das vezes, só é identificado quando o jornalista não está alinhado ideologicamente. Os índices de jornalistas que identificam um tipo de controle que ocorre por meio de punição, nesse caso, a demissão do jornalista, superam os 95%.

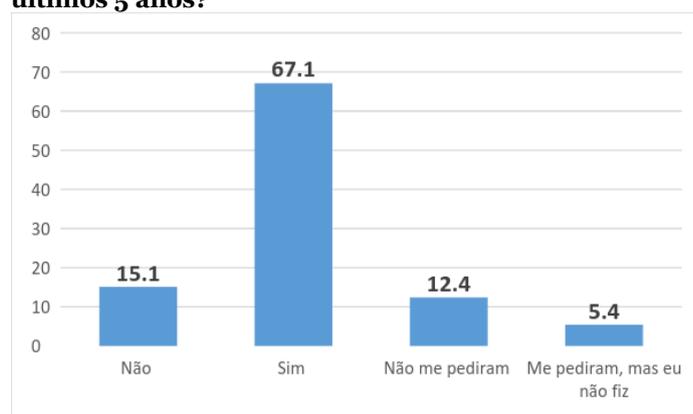
Os gráficos representam, portanto, fatores que não estão associados a aspectos comerciais, ainda que estes possam estar presentes nas lógicas produtivas. Mas são as orientações político-ideológicas que permanecem presentes no ambiente de trabalho.

26 a 27
de outubro

Campus Juvevê - UFPR - Curitiba
Envio de trabalhos até 11 de setembro de 2017



Gráfico 5 - Você já realizou alguma pauta recomendada, a pedido da direção do veículo ou de algum departamento fora da redação, para atender interesses que não são estritamente jornalísticos, nos últimos 5 anos?



Fonte: MESSAGI; CARVALHO; BOZZA (2017)

O gráfico 5 reforça igualmente a tese de que o trabalho jornalístico é determinado por fatores externos ao jornalismo, uma vez que identificam pressões externas incidindo sobre a produção que não são aqueles relacionados à audiência. No entanto, uma vez que a “pauta **rec**” se exerce internamente, é significativo que 67,1% dos jornalistas indiquem esse tipo de situação. O departamento externo à redação, ainda que parte da empresa, pode ser exercido tanto por departamento comercial, como também pelo proprietário da empresa. Nesse caso, os dados indicam um controle interno bastante presente no trabalho jornalístico, que ainda que sejam resultantes de uma pressão externa, são filtrados pelos setores internos da empresa jornalística.

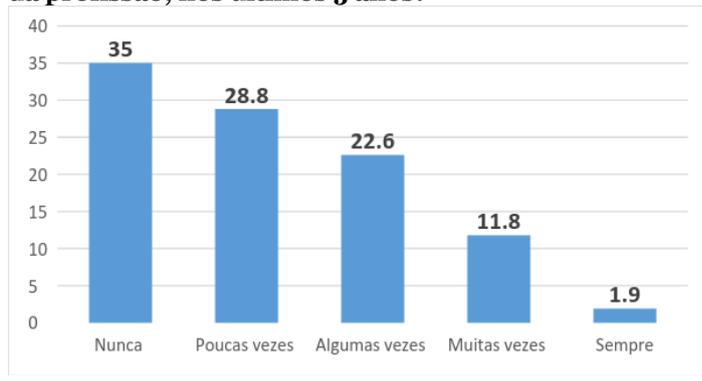
26 a 27
de outubro

Campus Juvevê - UFPR - Curitiba

Envio de trabalhos até 11 de setembro de 2017



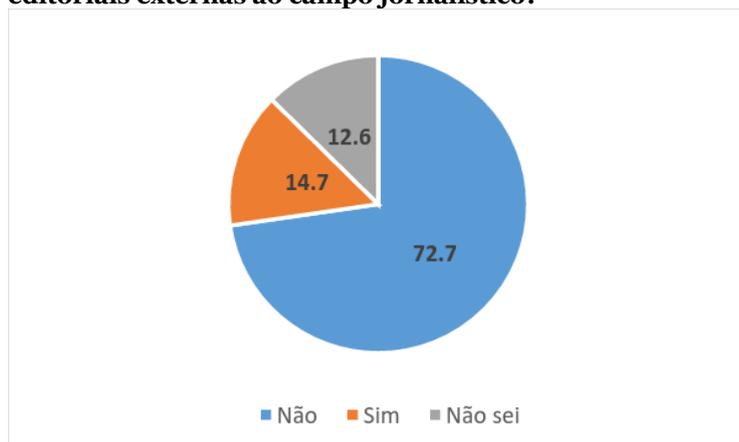
Gráfico 6 - Você já sofreu algum tipo de assédio moral no exercício da profissão, nos últimos 5 anos?



Fonte: MESSAGI; CARVALHO; BOZZA (2017)

O assédio moral aparece de modo menos frequente nas respostas. 35% dos jornalistas jamais identificaram práticas de assédio moral no trabalho. Uma vez que os mecanismos de controle passam a ser cada vez mais indiretos, uma vez que o medo de sanções, entre eles a perda do emprego, passa a estar presente no cotidiano profissional, seria menos necessária a ação direta dos cargos de chefia para coagir o jornalista a realizar trabalhos que estejam alinhados ideologicamente à empresa.

Gráfico 7 - Como profissional, você se sente protegido de pressões editoriais externas ao campo jornalístico?



Fonte: MESSAGI; CARVALHO; BOZZA (2017)

O gráfico 7 aparentemente revela menos controle interno do que externo à redação. Por outro lado, considerando que o ambiente interno da redação constitui-se no principal ponto definidor das decisões jornalísticas, seria também compreensível que o jornalista verifique pouca possibilidade de contrariar as pressões, sobretudo se comparado os outros gráficos que indicam uma forte influência interna sobre o trabalho jornalístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez que o que move as empresas jornalísticas a delimitarem linhas editoriais, processos e temas a serem adotados é a defesa da sobrevivência financeira do negócio, é quase impossível não considerar que, portanto, a audiência exerce algum tipo de influência sobre o trabalho jornalístico, tanto quanto o lucro é o fim de qualquer empresa. Uma vez que este resultado é determinado pela procura do público sobre os conteúdos de determinado veículo e que este valoriza seu tempo e/ou espaço por este índice de audiência, verificamos a importância que o público ganha para o trabalho jornalístico.

26 a 27
de outubro

Campus Juvevê - UFPR - Curitiba
Envio de trabalhos até 11 de setembro de 2017



realização:



Ainda que haja uma imposição da audiência sobre o jornalismo, os dados apontam a existência de filtragem e/ou reorientação dos conteúdos para garantir o alinhamento ideológico da produção aos interesses da empresa jornalística. Ou seja, a audiência é determinante, mas a maneira como os fatos serão abordados, incluindo a construção de notícias alinhadas ao que Bourdieu chama de “mentalidade-índice-de-audiência”, considera também o alinhamento.

Estes interesses e suas influências sobre o trabalho jornalístico são mais complexos do que parecem, pois uma empresa que atua com jornalismo lida não apenas com interesses econômicos de empresas, mas também com fatores políticos, culturais e sociais que exercem algum tipo de pressão sobre os donos de meios de comunicação ou sobre os jornalistas.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BREED, Warren. **Social control in the newsroom: a functional analysis**. North Carolina: University of North Carolina Press, 1955.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MICK, Jaques (coord.); LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro - Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013.

MESSAGI, Mário; CARVALHO, Guilherme; BOZZA, Gabriel. **Pesquisa Liberdade Jornalística**. Curitiba: UFPR, 2017. (no prelo)